

HÁ ALGO DE ERRADO COM A NOSSA HISTÓRIA? UMA REFLEXÃO SOBRE A BAIXA-ESTIMA DOS BRASILEIROS.

Lupércio Antônio Pereira*

RESUMO: Este artigo faz uma reflexão sobre um traço peculiar à cultura brasileira, qual seja, a atitude iconoclasta do brasileiro em relação à sua própria história. Tenta desvendar a origem histórica desse comportamento cultural e chama a atenção para os riscos que um país enfrenta ao olhar para o seu passado com superficialidade ou leviandade.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil; história; cultura da inferioridade; populismo cultural; pensamento crítico.

INTRODUÇÃO

O artigo que se segue foi escrito originalmente como texto base de uma palestra proferida em setembro de 1998 no Rotary Clube de Maringá Velho, na celebração do Dia da Pátria. O mesmo texto serviu de base para outra palestra apresentada em Umuarama, desta vez como parte da programação alusiva aos 500 anos de descobrimento do Brasil, promovida pelo Colegiado de História da UNIPAR - Umuarama em 2000. O seu objetivo é desvendar a origem histórica da baixa estima que o brasileiro tem pelo seu passado, em contraste com outros povos, como os norte-americanos, que se orgulham de sua história e de suas instituições. O texto faz também considerações sobre os riscos de um discurso historiográfico pseudo-crítico e iconoclasta em relação ao passado.

Qual a origem histórica dessa baixa estima do brasileiro?

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao convite que me foi formulado para participar desta comemoração alusiva ao Dia da Pátria. Sinto-me honrado em participar desta comemoração na qualidade de palestrante. Comemorar o Dia Nacional tornou-se uma raridade no Brasil de hoje. O que se constata é que o índice de civismo é baixo e o culto à pátria é quase inexistente no Brasil. Não fossem as comemorações oficiais das capitais que enchem a programação das emissoras estatais/educativas de televisão, de baixíssima audiência por sinal, nas manhãs do dia 07 de setembro, poder-se-ia dizer que o Dia da Pátria passaria despercebido pela imensa maioria do povo brasileiro.³⁹

O fenômeno não tem barreiras entre classes sociais. Pobres, ricos e remediados têm praticamente o mesmo comportamento em relação ao Dia da Pátria: indiferença, quando não deboche. Entre as elites intelectualizadas, o que se passa é mais grave ainda. No meio universitário, por exemplo, ninguém ousaria comemorar ou sequer fazer uma reflexão sobre o Dia da Pátria, porque, se o fizesse, certamente seria chamado de imbecil ou, na melhor das hipóteses, de reacionário.

Neste sentido, há um vivo contraste entre o comportamento do brasileiro e do cidadão médio norte-americano.

Este comemora a sua data nacional. O dia 4 de julho não é apenas um feriado nacional nos EUA, mas uma verdadeira festa, com ampla participação popular. Além disto, o norte-americano tem uma postura diferente do brasileiro em relação a seu passado e a seus heróis pátrios. Jefferson, Franklin, Adams, Lincoln, os "pais fundadores" da pátria americana são reverenciados. O norte-americano médio tem orgulho de seu passado. E o brasileiro, o que pensa de seu passado e de seus heróis?

Uma boa medida do que o brasileiro escolarizado pensa sobre o Dia da Pátria é dado pelo sucesso do filme **Carlota Joaquina**, de Carla Camurati. Um acontecimento da envergadura da transmigração da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro, que efetivamente põe fim ao estatuto colonial do Brasil, é tratado com estarrecedora leviandade pelo filme dirigido por Camurati. Tudo que envolve aquele grande evento histórico, a começar pelo personagem que simboliza o início de uma Nova Era na história brasileira, Dom João VI, passando por seus conselheiros, seus ministros, e até acontecimentos como a Abertura dos Portos, é barateado e ridicularizado no filme. Dom João VI é um moleirão que, além de corno e glutão, não passaria de marionete nas mãos de maquiavélicos conselheiros a serviço da Inglaterra. Qual a outra imagem de Dom João que o filme nos transmite, além da já tão terrível que acabamos de mencionar? A de um homem que não fala, mas apenas balbucia; de um ser abjeto escravizado pela gula, sempre com as mãos gordurosas de tanto comer galinha assada; de um homem que sequer controla seu próprio intestino (lembra-se da cena que o régio personagem tem de sair às pressas da carruagem?); de um homem, enfim, que vive se escondendo dos problemas, a começar pelos adultérios de sua esposa, a irascível Carlota Joaquina. O filme é impiedoso com a figura de Dom João VI. Camurati não deixou pedra sobre pedra na imagem de D. João VI. Sob qualquer ângulo em que a Câmera de Camurati focou Dom João, este não passa de uma figura incapaz, desprezível e repugnante.

Não lhes soaria estranho que todos esses "atributos" sejam associados a um personagem que, em meio a uma Europa turbulenta e convulsionada, onde poderosas e tradicionais dinastias estavam sendo destronadas pelo furacão napoleônico, conseguiu levar a cabo uma complexa operação de

* - Docente na UEM (Universidade Estadual de Maringá).

1 As emissoras comerciais, exatamente as de maior audiência, ignoram quase por completo a celebração do Dia da Independência. Partem do pressuposto de que se trata de um assunto incapaz de atrair a atenção do grande público.

transferência de sua Corte para a segurança do Rio de Janeiro? Não ocorreria a ninguém indagar como esse arrematado imbecil teria logrado tamanho feito?

É incrível como a análise mais superficial e unilateral de um acontecimento tão denso, complexo e cheio de significados como a chegada da Família Real, que inaugurou uma nova era na história do Brasil, pôde arrancar risos da platéia nos cinemas. Não se trata, evidentemente, de um filme desprezível, destinado apenas a fazer o público rir, mas trata-se efetivamente de uma interpretação da história do Brasil que se pretende crítica e atualizada. Aí é que reside o problema. A história pátria é tratada com deboche e superficialidade e, mesmo assim, o filme é bem recebido pelo grande público com endosso da chamada “massa crítica” do país. Portanto, o sucesso do filme é um indicador do que o público brasileiro pensa de sua elite dirigente.

Vejamos um outro exemplo, nesta mesma linha. Ouçam a letra de uma canção de sucesso do falecido cantor pop Cazuza. Para Cazuza, a **burguesia fede**. Se pesquisássemos um pouco mais encontraríamos inúmeros outros exemplos. E a própria elite, o que pensa de si mesma? O conceito que ela faz de si própria também é péssimo porque ninguém quer se identificar como elite. Todos falam mal da elite, inclusive os membros da própria elite. Curioso país é este, em que a própria classe dirigente não se assume como tal. O Brasil é o país singular onde todos são da oposição, a começar pelos que estão no poder. Assim não há que culpar senão o passado perverso.

Ora, se a própria elite não quer se identificar como elite, o que deveríamos esperar dos demais setores da sociedade? Talvez seja por isso que, no Brasil, homens públicos da envergadura de um Cairu, de um José Bonifácio, de um Joaquim Nabuco, são ignorados pelo povo e tratados com desdém pelos intelectuais. E aqui tocamos num ponto essencial de nossa análise. Nos meios intelectuais brasileiros, é um procedimento corriqueiro confundir-se senso crítico com um negativismo absoluto ou com uma irreverência iconoclasta. Ou seja, pensa-se que falar mal das elites dirigentes do presente e do passado é um exercício de independência intelectual. A postura que predomina é a seguinte: sendo o Brasil um país cheio de desigualdades e atrasado em relação a outras nações, segue-se daí que o nosso passado deve ser rejeitado ou esquecido e que toda a culpa de nossas desgraças cabe às elites. Denunciar o poder e espinafrear as chamadas classes dominantes é garantia prévia de sucesso no discurso universitário. Isto dá Ibope e sustenta muitas carreiras universitárias.

Mas esse procedimento não pode ser qualificado de exercício de senso-crítico. Por que? Ora, porque se trata de pura adesão a um traço já fortemente arraigado no senso-comum. Senso-crítico é outra coisa. É saber refletir sobre as dificuldades que tivemos no passado, o que seria de grande valia para compreendermos a verdadeira natureza dos problemas atuais.

Essa atitude negativa em relação ao nosso passado aborta qualquer possibilidade de reflexão sobre este mesmo passado. É claro que não estou pregando aqui a postura inversa, de pura exaltação de nosso passado e de nossos heróis. Mas é preciso recuperar a nossa capacidade de pensarmos com independência de espírito. Isto significa evitar o apelo fácil de explicar todas as nossas dificuldades a partir de uma teoria conspiratória da história, segundo a qual todos os nossos problemas foram gerados pelos “outros” (ora as “elites” do passado, ora os “exploradores externos”) e nunca por nós próprios.

Nesta altura, deveríamos fazer a seguinte indagação. Qual a origem histórica dessa baixa estima do brasileiro? Por que nos envergonhamos de nosso passado? Por que não reverenciamos nossos heróis? Por que, pelo menos, não os levamos a sério, já que tivemos muitos homens dignos de todo respeito no passado? Por que, em geral, os tratamos ou como imbecis (como Dom João VI no filme *Carlota Joaquina*) ou, então, como simples vilões que simbolizam um passado indigno e gerador dos infortúnios presentes? É pena que não possamos nos alongar nesta questão, dada a brevidade do tempo de que dispomos.

Nossa hipótese é de que, em se tratando de algo tão generalizado entre todas as classes sociais, essa visão amarga da história brasileira deve ter raízes muito profundas. De onde viria tanta amargura e tanto desprezo pelo passado? Tudo indica que se trata de um traço cultural que remonta ao período colonial. Em sua origem mais remota, relaciona-se ao processo de apogeu e declínio econômico de Portugal.

Em *Os Lusíadas*, publicado no final do século XVI, Camões já não canta a glória presente dos portugueses, mas os feitos de seus antepassados. O que isto significa? Ora, significa o nascimento de um sentimento de frustração nacional português que, de alguma forma, herdamos junto com a língua, religião, usos e costumes oriundos de Portugal. Camões já descreve o Portugal de seu tempo como um “reino cadaveroso”, que se debate na decadência e está preste a cair sob domínio da coroa espanhola. Nos séculos XVII e XVIII firma-se a idéia do atraso de Portugal em relação a outras potências como Inglaterra, Holanda e França. Há um esforço prático e teórico dos portugueses para tirar a nação do atraso, o que pode ser constatado nos escritos de mais de uma geração dos Condes de Ericeira, nos escritos de um Duarte Ribeiro de Macedo, de um Padre Vieira, de um Dom Luiz da Cunha e na ação política de um Marquês de Pombal. Apesar disto, Portugal termina o século XVIII sem recuperar sua já distante pujança. Começa-se a gestar aí uma visão negativa da história lusa que se transmite como herança ao Brasil independente. Herdamos dos portugueses a idéia de inferioridade em relação aos outros povos.

No século XIX, com a independência, a história se repete. O nosso espelho passa a ser os EUA.

Os norte-americanos fizeram sua independência em 1776, os brasileiros em 1822. O novo Estado fundado em 1822 no Rio de Janeiro demorou a consolidar sua soberania sobre o vasto e desarticulado território dominado por Portugal na América do Sul, o qual somente viria a se constituir numa única unidade

territorial pela ação consciente e enérgica dos grandes estadistas que marcaram a vida política dos primeiros decênios do período imperial. Entre 1822 e 1840, sofremos as agitações políticas do primeiro império (republicanos versus monarquistas, brasileiros versus portugueses residentes, absolutistas versus constitucionalistas, autonomistas versus centralizadores, etc.) que culminaram na abdicação de Dom Pedro I em 1831. Depois sobrevieram as guerras civis do período regencial, as dissensões partidárias e ameaças separatistas. Só conseguimos alguma estabilidade política com a decretação da maioria de Pedro II em 1840, mas a pacificação mesmo só ocorreu depois da derrota da Revolução Praieira, o último apelo às armas de grande proporção nas disputas políticas intra-elite do período imperial.

Enquanto o Brasil se dilacerava em lutas internas, a Europa Ocidental fazia a revolução industrial e com esta surgiram as ferrovias, os transatlânticos a vapor, o telégrafo, a integração dos mercados, a formação de imensos excedentes de capitais e de trabalhadores europeus que iriam fecundar as nações recém-criadas no Novo Mundo.

Com a revolução industrial e com a grande imigração o mundo inteiro cresceu e se enriqueceu, mas uns mais que outros.

Os EUA saíram na frente. Atraíram capitais, tecnologia e o grosso da imigração européia. Para isto se abriram para o mundo e criaram todas as condições para tornar o país atrativo para os capitais e trabalhadores que sobravam no Velho Mundo.

Às voltas com as necessidades mais urgentes da consolidação da unidade territorial e política, o império brasileiro demorou a fazer as reformas necessárias para tornar o país atraente aos capitais e imigrantes europeus, e por isso ficou com a porção menor do que a Europa enviava para as novas nações da América. Com isso, aflora novamente a consciência da inferioridade e do atraso.

CONCLUSÃO

Para concluir, eu diria que uma reflexão sobre o passado só é pertinente e adquire algum sentido se tiver alguma utilidade para o momento presente. Qual o sentido que uma nova reflexão sobre a história do Brasil, movida por um autêntico senso crítico, tem hoje?

Ora, estamos vivendo novamente um momento crucial de nossa história. Ou tomamos o bonde ou ficamos de novo para trás. Ou refletimos sobre os nossos problemas com independência e coragem, ou não saberemos o que fazer com o nosso futuro. A revolução tecnológica em curso, a globalização dos mercados, as novas formas de cooperação e competição entre as nações estão aí para desafiar a nossa inteligência.

Mas, para que possamos responder aos novos desafios e identificar as chances do presente, precisamos abandonar o populismo que, com honrosas exceções, tem marcado o discurso de boa parte da intelectualidade brasileira, quando se trata de analisar o presente ou o passado. Para finalizar, eu diria que um dos piores males que um povo pode fazer a si

mesmo é olhar com leviandade para o seu próprio passado. Com auto-estima em baixa, nenhum povo pode encarar com eficácia os desafios do futuro. Como um povo que debocha de seu passado poderá ter confiança no porvir?

Está mais do que na hora de abandonarmos nossos preconceitos, nosso simulacro de discurso crítico, nosso deboche com a própria história. Só assim libertaremos nossa inteligência para a investigação com vistas a descobrir a verdadeira natureza de nossos problemas, o que implica um olhar agudo sobre o passado recente ou mais remoto. Se fizermos isso e se continuarmos atentos ao que ocorre no mundo além-fronteira, sabendo identificar corretamente as forças em movimento de modo a utilizá-las em nosso próprio benefício, talvez nossos filhos e netos possam ter orgulho do que tivermos feito hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMITAGE, John. *História do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1981.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder. Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BRASILIENSE, Américo. *Os programas dos partidos e o II Império*. São Paulo: Editora Thipographia de Jorge Scler, 1878.

BRITO, Rodrigues de Brito. *A Economia Brasileira no Alvorecer do Século XIX (1821)*. Bahia, Livraria Progresso Editora, 1923.

CAMÕES, Luiz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: EDUSP, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Brasília, UNB, 1981.

HANDELMANM, Heirich. *História do Brasil*. 2 tomos, 4ª ed., Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982.

MENESES E SOUZA, João Cardoso de (Barão de Paranapiacaba). *Theses sobre a colonização do Brasil*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1875.

NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1975.

LIMA, Oliveira. *O Império Brasileiro (1822-1889)*. Nova Edição, Brasília, UNB, 1986.

_____. *Dom João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

PEREIRA, Lupercio Antonio. *Limites históricos do pensamento abolicionista. Uma contribuição ao estudo do gradualismo adotado na abolição da escravidão no Brasil*. Assis, UNESP, 1986 (dissertação de mestrado).

_____. *Para além do Pão de Açúcar. Uma interpretação histórica do livre-cambismo em Tavares Bastos (1860-1875)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000 (Tese de doutorado).

SÉRGIO, Antonio. *Antologia dos Economistas Portugueses*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

_____. *Breve Interpretação da História de Portugal*. Lisboa, Sá da Costa, 1983.

SILVA, José Bonifácio de Andrade e. *O Pensamento Vivo de José Bonifácio*. Apresentado por Octávio Tarquínio de Souza. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

VIEIRA, Antonio (Pe). *Escritos Históricos e Políticos*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.